

GEOMETRIA SAGRADA NOS PASSOS DE ANCHIETA

Maria Madalena dos Santos Patek¹
Poliana Aparecida Carvalho Silva²

Resumo: Este artigo é resultado do trabalho de conclusão de curso de Silva (2018) e se trata de um estudo da geometria sagrada n' *Os Passos de Anchieta*, cujo roteiro refaz a trilha habitualmente percorrida por São José de Anchieta nos seus deslocamentos da Vila de Rerigtiba, atual cidade de Anchieta, à Vila de Nossa Senhora da Vitória (ES). Tal estudo tem o objetivo de analisar a geometria dos espaços nas igrejas existentes nesse caminho, para, assim, verificar se a geometria sagrada se encontra nos símbolos geométricos da arquitetura da igreja. Esta geometria pode ser vista na torre sineira, na porta, no altar, no ambão, na capela do santíssimo; enfim, é visível e sentida na igreja dedicada a este santo.

Palavras-chave: símbolos geométricos, arquitetura sagrada, arquitetura católica.

Abstract: This article is a result of Silva's (2018) final paper and is a study of the sacred geometry in the *Steps of Anchieta*, whose script remakes the path habitually traveled by São José de Anchieta in his displacements the Village of Rerigtiba, present city of Anchieta, to the Village of Nossa Senhora de Vitória (ES-BR). This study has the purpose of analyzing the geometry of the spaces in the Churches existing in this way, in order to verify if the sacred geometry is in the geometric symbols of the architecture of the church. This geometry can be seen in the bell tower, in the door, in the altar, in the ambo, in the chapel; finally, it is visible and felt in the church dedicated to this saint.

Keywords: geometric symbols, sacred architecture, Catholic architecture.

1 Introdução

Os Passos de Anchieta é o nome do roteiro que reconstrói a trilha habitualmente percorrida por São José de Anchieta nos seus deslocamentos da Vila de Rerigtiba, atual cidade de Anchieta, à Vila de Nossa Senhora da Vitória, onde cuidava do Colégio de São Tiago, erguido num platô, hoje transformado no Palácio do Governo, na cidade

¹ DAU-UFES, mpatek@bol.com.br.

² DAU-UFES, polianacarvalho.arq@gmail.com.

de Vitória (ES). A experiência desta caminhada combina encantos, como o conhecimento de sítios históricos, com paisagens que proporcionam ao andarilho uma sequência de belos quadros da natureza de uma região que é uma referência geográfica da costa brasileira, onde as culturas do Norte e do Sul do país se encontram (ABAPA, 2018).

Nessa caminhada, a emoção de revisitar sentimentos e lembranças alterna-se com as percepções do ambiente: o recorte formoso de uma pequena enseada, a trilha por entre uma vegetação remanescente da outrora exuberante Mata Atlântica etc. Esse jogo sensorial remete à figura divina cristã, algo presente também na arquitetura religiosa católica – não apenas pela forma exata de suas criaturas, mas também pela beleza inestimável que elas possuem, por sua harmonia. Proporção, simetria e harmonia são, na Geometria, condições de beleza que, quando aplicadas à arquitetura católica, são denominadas de Geometria Sagrada. Na Figura 1, Jesus Cristo, com o compasso, mede a harmonia do mundo (LAWLOR, 1996).



Figura 1 – Cristo, com o compasso, medindo a harmonia no mundo. Fonte: Lawlor (1996).

Em Andrade e Santos (2015), pode-se encontrar uma revisão detalhada dos símbolos geométricos mais importantes da arquitetura sagrada, tais como centro, ponto, labirinto, arco, círculo, espiral, quadrado, cruz e números. Ao longo deste trabalho, serão descritos os elementos da geometria sagrada constantemente encontrados na arquitetura católica ao longo dos Passos de Anchieta.

2 Elementos da Geometria Sagrada na Arquitetura

Os primeiros cristãos adaptaram as tribunas romanas (chamadas de basílicas) para seus primeiros templos. No semicírculo onde se situavam os juízes, chamado de *abside* por sua forma, foi colocado o altar; de cada lado deste, um púlpito. Foi ainda acrescentada uma nave transversal, que deu a forma de cruz-latina à planta, e cuja altura foi alongada para se parecer com um navio – nave (GOECKE, 2008).

2.1 Adro

Segundo o dicionário Houaiss (2009), um dos significados de átrio (*atrium*, do latim) para a história da arquitetura é “espaço cercado por pórticos ou outras construções à frente de basílicas paleocristãs e de igrejas bizantinas ocidentais realizadas até o século X”, e para a arquitetura religiosa é de adro, pórtico externo (Figura 2).



Figura 2 – Atrium romano. Fonte: Kronberger (2016).

O átrio ou adro pode ser chamado de *galilé* quando se configura como um pequeno corredor externo à área do templo. É um pórtico que sucede o espaço público e antecede a nave da igreja (CAMPELLO, 2001). A *galilé* pode ser formada por arcos perfeitos (arco românico, arco ogiva e arco gótico) ou retangulares, e se caracteriza por conter um número ímpar de aberturas (ANDRADE; SANTOS, 2015).

Na Figura 3, podemos observar *galilés* com pórticos em várias formas geométricas; e, na Figura 4, o espaço da *galilé* do Convento de São Francisco, localizado na cidade de Vitória-ES. A Figura 5 mostra a localização e conformação da *galilé*, um espaço coberto e externo à área da igreja.

Logo, adro e átrio são os nomes habitualmente utilizados para designar o lugar que dá entrada à igreja. Ele (doravante adro) se caracteriza como um espaço de purificação da alma do indivíduo que se prepara para adentrar o templo sagrado

(CAMPELLO, 2001). O adro da Catedral Metropolitana de Nossa Senhora da Vitória localiza-se dentro do espaço do templo, mas separado por um portal que divide o interior do exterior, como mostra a Figura 6.



Galilé em arco pleno,
Ardagermarkt (ÖS)

Galilé em arco ogiva,
Krems (ÖS)

Galilé retangular,
Götweig (ÖS)

Figura 3 – Tipos de *galilés* mais comuns, com uma, três e cinco aberturas.
Fonte: Acervo de M.M.S. Patek.



Figura 4 – *Galilé* do Convento de São Francisco, Vitória (ES). Fonte: Silva (2018).



Figura 5 – Dentro da *galilé* do Convento de São Francisco, Vitória (ES). Fonte: Silva (2018).

Hoje, o adro é importante por filtrar o possível barulho da rua. Nesse espaço, são colocados os apoios para folhetos e livros de canto, as pias de água benta, a imagem do padroeiro, o quadro de avisos, como pode ser visto na Figura 7.



Figura 6 – Entrada da igreja leva ao adro que separa o exterior do interior por esta porta com vitrais. Catedral Metropolitana de Nossa Senhora de Vitória, Vitória (ES). Fonte: Silva (2018).



Frankemarkt (ÖS)



Augustinerkirche (ÖS)



Freyungstift (ÖS)

Figura 7 – Adros com pias de água benta. Fonte: Acervo de M.M.S.Patek.

2.2 Porta

Porta, no dicionário Ferreira (2010), significa “entrada”, “caminho”. Jesus denominou-se como o *caminho* a Deus. Na liturgia mariana, a Virgem Maria é considerada a *porta* que trouxe a salvação ao mundo, símbolo maior de passagem do mundo, dentro do catolicismo.

Normalmente, a porta e os tímpanos sobre ela apresentam iconografias com passagens bíblicas (GOECKE, 2008). Na Figura 8, apresentamos exemplos de portas com diferentes geometrias de tímpanos, e, na Figura 9, temos a porta da Catedral de Vitória com o desenho de anjos no topo do seu portal.



Minoritenkirche (OS) Ardaggerstift (ÖS) Enns (ÖS) Frankemarkt (ÖS)

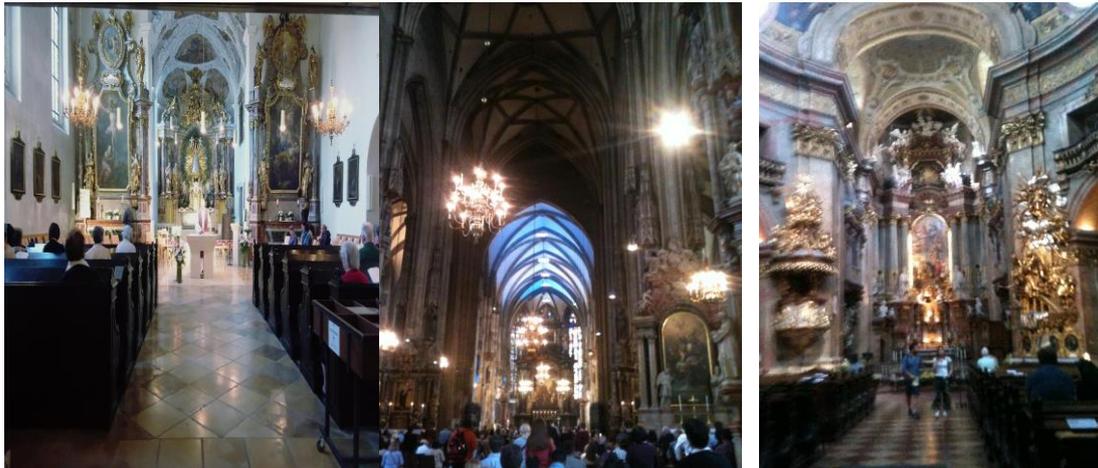
Figura 8 – Portas com diferentes geometrias de tímpanos. Fonte: Acervo de M.M.S.Patek.



Figura 9 – Porta da Catedral Metropolitana de Nossa Senhora de Vitória e o tímpano de seu portal, Vitória (ES). Fonte: Silva (2018).

2.3 Nave

A *nave* é o espaço destinado aos fiéis entre o átrio e o presbitério. Ela recebe esse nome por suas dimensões lembrarem um navio. Pode ser única ou com naves laterais, separadas por arcadas, que podem conter capelas laterais de diversas formas geométricas (GOECKE, 2008). Seu ponto de fuga fica no altar, para onde deve ser direcionada a atenção da assembleia (Figura 10). Em planta, normalmente são retangulares, simétricas e suas dimensões seguem alguma proporção (Figura 11).

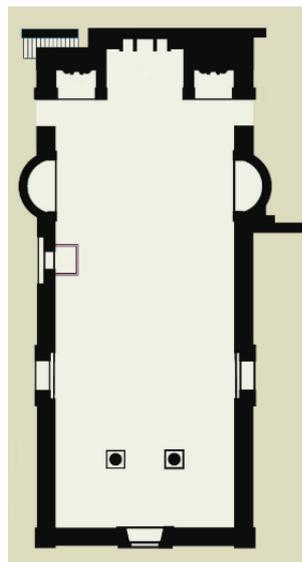


Hitzing (ÖS)

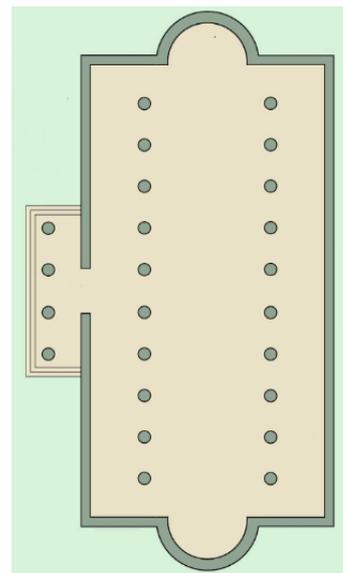
Stephansdom (ÖS)

Michaelerkerche (ÖS)

Figura 10 – Naves com perspectivas no altar. Fonte: Acervo de M.M.S.Patek.



Igreja Nsa. Sra. da Graça, Olinda (PE)



Planta típica de uma basílica romana.

Figura 11 – Plantas com nave única (à esquerda) e nave tripla (à direita).

Fonte: <<https://coisasdaarquitectura.wordpress.com/2011/09/22/morfologia-da-igreja-barroca-no-brasil-i/>> Acesso em 23/02/2018.

Como acontecia no início do Cristianismo, era na abside que se sentavam os reis; esta ficava em nível mais alto que a nave, de onde era possível ver o Altar e o Ambão (GOECKE, 2008). (Ver Figura 12)



Michaelakirche(ÖS)



Hitzing(ÖS)



Michaelakirche(ÖS)

Figura 12 – Naves de onde se pode ver o altar e o ambão. Fonte: Acervo de M.M.S.Patek.

A partir do século XIX, as naves passaram a ter bancos para a assembleia, segundo Koloski (2017), os bancos foram acrescentados à nave aos poucos em diversos países. Na Figura 13, destacam-se os bancos na Catedral Metropolitana de Vitória; na Figura 14, a nave da Igreja Santa Rita de Cássia (Vitória-ES), de onde se pode observar o altar e o ambão.



Figura 13 – Nave da Catedral Metropolitana de Vitória (ES). Fonte Silva (2018)



Figura 14 – Bancos da nave da Igreja de Santa Rita de Cássia, em Vitória (ES). Fonte: Silva (2018)

2.4 Capela do Santíssimo

Os templos gregos, formados por *naos* (nave), com uma cela, onde se guardavam as esculturas de seus deuses, deram origem às capelas cristãs. Eles eram retangulares, simétricos e seguiam as proporções áureas em suas três dimensões. Construído no período de Péricles, o Partenon grego é um exemplo de templo. Sua cela deu origem à *capela do santíssimo* (GOECKE, 2008), (Figura 15).



Figura 15 – Parthenon, Atenas – Grécia. Fonte: <<https://www.infoescola.com/grecia-antiga/partenon/>> Acesso em junho de 2018.

Segundo Goecke (2008), no período românico, século XII, as *hóstias* ficavam em nichos na parede, perto do altar, normalmente com portas de madeira ou em sacrários, sobre o altar. No período gótico, as *hóstias* passaram para espaços independentes, dando origem à capela do santíssimo, onde fica a reserva de *hóstias* (ver Figuras 16 e 17).



Michaelakirche(ÖS)



Maria AM Gestade(ÖS)

Figura 16 – Capela do Santíssimo e sacrário no altar respectivamente.
Fonte: Acervo de M.M.S.Patek.



Figura 17 – Sacrário no altar da catedral de Vitória (ES). Fonte: Silva (2018).

2.5 Batistério ou Pia Batismal

De acordo com Goecke (2008), no período românico, as *pias batismais* eram de pedra ou bronze, raramente em madeira, com formato ou cilíndrico, ou cônico, ou esférico, apoiadas em colunas de diferentes formas. A partir do século XVI, apareceram as pias batismais de zinco em forma de taça, e no renascimento surgiram as octogonais (ver Figuras 18 e 19).



Beneditemstift(ÖS)



Maria Auxiliadora (ÖS)



Maria am Gestande(ÖS)

Figura 18 – Pias batismais esféricas e octogonais com diferentes apoios. Fonte: Acervo de M.M.S.Patek.



Figura 19 – Batistério da Catedral de Vitória (ES) em formato circular e octogonal.
Fonte: Silva (2018).

2.6 Altar

No período românico, o *altar* era de pedra e sem ornamento. A partir do século XII, o sacrário foi incorporado como um ornamento do altar. Já no período gótico, o altar passou a receber relíquias dos santos, e as tábulas com ornamentos diversos de passagens bíblicas (GOECKE, 2008). Na Figura 20, podem ser observados altares de diversas épocas. Na Figura 21, destacam-se no presbitério da Igreja do Rosário, em Vila Velha (ES), o altar, a sédia e a mesa da palavra. Na Igreja de São Gonçalo (Figura 22), há a permanência de dois altares: o altar mais recente em madeira e o altar mais antigo compondo o fundo do presbitério.



Augustiner (ÖS)



Michaelerkirche (ÖS)



Maria Auxiliadora (ÖS)

Figura 20 – Diversos tipos de altar. Fonte: Acervo de M.M.S.Patek.



Figura 21 – Presbitério da Igreja do Rosário em Vila Velha (ES).

Fonte: <<https://www.flickr.com/photos/fabiocanhim/25428301508>> por Fábio Canhim, acesso em 13/02/2018.



Figura 22 – Altar da Igreja São Gonçalo, em Vitória (ES). Fonte: Silva (2018).

2.7 Ambão ou Mesa da Palavra

Segundo Goecke (2008), nas igrejas do período românico, assim como nas primeiras basílicas, já existiam os *ambões* - local destinado à leitura - decorados com motivos bíblicos. Desde o século IV, o *ambão* era utilizado para pregar a palavra do dia. No período gótico, apareceram os púlpitos, normalmente junto a alguma coluna da nave principal, em forma cilíndrica ou octogonal. Tanto na renascença quanto no barroco, os púlpitos foram ornados cada vez mais de forma sofisticada. Na Figura 23, pode-se ver o púlpito em madeira da Igreja de La Madeleine, em Paris, que possui uma forma remetendo ao octógono. É possível constatar essa observação a partir da cúpula que cobre o púlpito.



Figura 23 – Púlpito da Igreja de La Madeleine, Paris, França. Fonte: Silva (2018).

O ambão da Catedral de Vitória (Figura 24) apresenta uma geometria semioctogonal (um octógono partido ao meio) e se destaca no presbitério por sua forma.



Figura 24 – Ambão da Catedral de Vitória (ES). Fonte: Silva (2018).

2.8 Sédia

A *sédia* é a cadeira da presidência, isto é, o local onde se senta o presidente da celebração, localizada no presbitério. Se estiver em uma catedral, é chamada de *Cátedra*. Na Catedral de Vitória, a cadeira da presidência está localizada em um patamar mais elevado que o patamar do presbitério (Figura 25).



Figura 25 – Cátedra da Catedral de Vitória (ES). Fonte: Silva (2018).

2.9 Torre sineira

Os romanos já tinham torres quadradas, comumente feitas de madeira e com dois andares, ao longo de suas estradas. Por questões de segurança, essas torres foram adaptadas aos muros para três andares. No período carolíngio, elas foram inseridas nas igrejas e basílicas. No período gótico, sua altura foi aumentada, e apareceram as torres hexagonais, octogonais e posteriormente as circulares (HELTEN, 2009). É possível observar diversas formas de torres, na Figura 26, e as duas torres sineiras da Igreja de São Francisco de Assis na Figura 27, localizadas nas laterais da fachada principal com uma forma circular.



Minoritenkirche (ÖS)



Leiben (ÖS)



Maria Auxiliadora (ÖS)

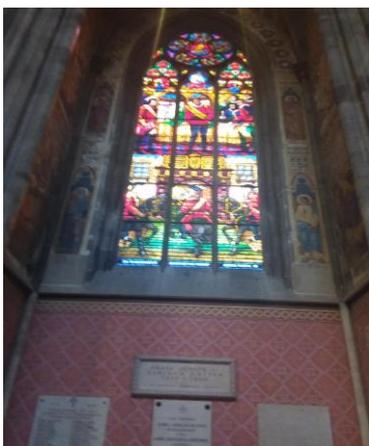
Figura 26 – Exemplos de torres quadradas e octogonal. Fonte: Acervo de M.M.S. Patek.



Figura 27 – Igreja de São Francisco de Assis e suas duas torres sineiras laterais, Ouro Preto (MG). Fonte: Silva (2018).

2.10 Vitrais

Até o século X, as janelas eram pequenas, em arco perfeito. A partir do século XI, apareceram as janelas circulares, simbolizando o universo que não termina nunca, e, assim como Deus, sem início nem fim. A partir do século XII, e no período gótico, com o aumento de suas dimensões, as janelas passaram a ter vidros com motivos bíblicos coloridos (Figura 28). As grandes rosáceas servem para deixar a luz e calor divinos penetrar nas grandes catedrais (GOECKE, 2008).



Votivkirche (ÖS)



Votivekirche (ÖS)



Maria am Gestade (OS)

Figura 28 – Vitrais coloridos. Fonte: Acervo de M.M.S. Patek.

Na Figura 29, temos a rosácea, que não só ilumina a Igreja de Santa Maria do Mar, em Barcelona, Espanha, mas, pelo seu tamanho, também aquece e acolhe aqueles que nela adentram.



Figura 29 – Vitrais da rosácea da Igreja de Santa Maria do Mar, em Barcelona, Espanha.
Fonte: Silva (2018).

Após essa pequena revisão dos espaços que compõem uma arquitetura sagrada, analisar-se-á o objeto de estudo: o Santuário Nacional São José de Anchieta, em Anchieta, Espírito Santo.

3 A Arquitetura Sagrada no Caminho de Anchieta – ESTUDO DE CASO

A arquitetura religiosa cristã se revelou no Espírito Santo desde o começo da Colonização Portuguesa. Várias foram as escolas e ordens católicas instaladas ao longo do caminho de Anchieta. Os jesuítas construíram a antiga igreja e Colégio de São Tiago (1551), atual sede de governo capixaba (Figura 30); a igreja Nossa Sra. Da Conceição (1585), em Guarapari (Figura 31); o Santuário Nacional de Anchieta, no município de Anchieta, construído no final do século XVI. Os franciscanos, por sua vez, construíram o Convento de São Francisco, em Vitória (Figura 4), e o Convento de Nossa Senhora da Penha, em Vila Velha (Figura 32).



Figura 30 – Simetria na Fachada do Palácio Anchieta, centro de Vitória. Fonte: <http://www.palacioanchieta.es.gov.br/> Acesso em 11 de março de 2018.



Figura 31 – Igreja Nsa. Sra. da Conceição, Guarapari (ES).
Fonte: Acervo de M.M.S Patek.



Figura 32 –Convento da Penha. Fonte: <https://www.tripadvisor.co.za/LocationPhotoDirectLink-g303320-d9748071-i222086307-Capixaba_Turismo_Receptivo-Vitoria_State_of_Espirito_Santo.html> Acesso em 11 de março de 2018.

Os jesuítas tinham como principal missão a catequese dos nativos. Para obter sucesso com a conversão e civilização dos índios, era necessária a construção de assentamentos com algumas edificações para dar suporte aos jesuítas em suas missões (DIAS, 2003). As principais características de suas obras arquitetônicas eram construções regulares e sóbrias. Estas tinham como função a finalidade de uso para o culto, com a igreja, o coro e a sacristia; para o trabalho, com as aulas e as oficinas; para a residência, com as celas, a enfermaria e as dependências de serviço; e ainda para a horta e o pomar (COSTA, 1941).

Nesta seção, discorrer-se-á sobre os elementos geométricos sagrados no edifício jesuíta do Santuário de São José de Anchieta, em Anchieta (ES), que foi escolhido como objeto de estudo por ter sido restaurado na década de 1990, acenando o resgate do cuidado para com a arquitetura dos espaços sagrados.

3.1 Localização do Santuário nos Passos de Anchieta

Localizado no município de Anchieta (ES), o Santuário de Anchieta é uma das edificações jesuíticas mais antigas do país (BAZIN, 1955). **A Figura 33 ilustra** o caminho percorrido pelos fiéis nos Passos de Anchieta, onde se inicia o trajeto em Vitória, passando por Vila Velha, Guarapari e Anchieta, sendo o Santuário de Anchieta a última parada deste percurso.

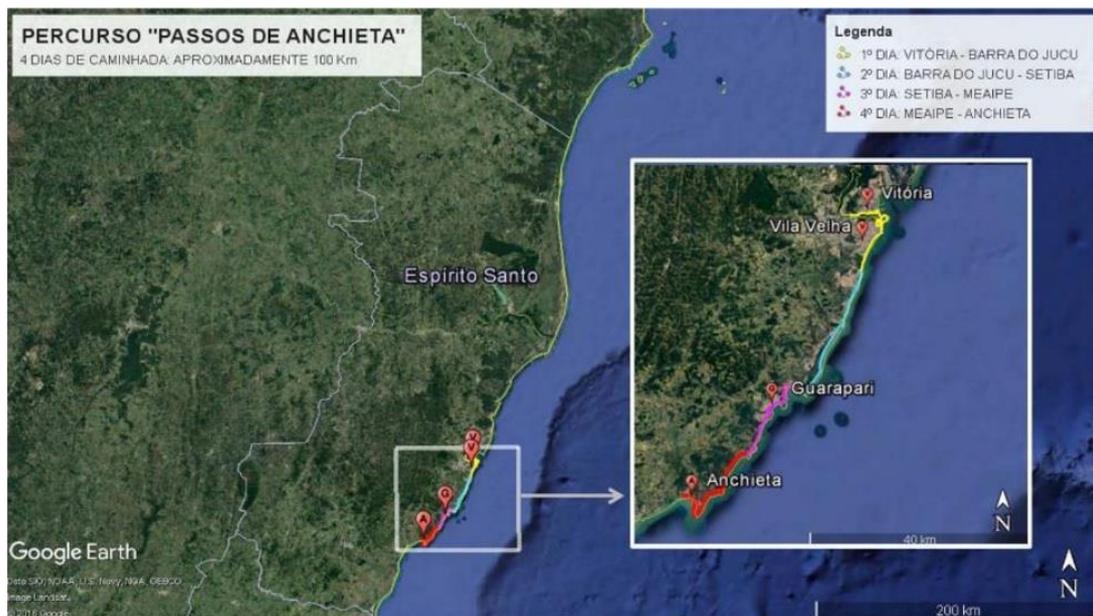


Figura 33 – Mapa do percurso dos Passos de Anchieta. Fonte: produzido por Luayza Perim sobre base cartográfica *Google Earth*.

As plantas e proporções espaciais das igrejas jesuítas do período colonial eram sóbrias e baseadas nas figuras geométricas definidas, com volumes compactos de efeitos derivados das estruturas. Com uma única torre, a igreja e a residência são organizadas em quadra, em volta de um pátio (IPHAN, 1998), conforme Figura 34.

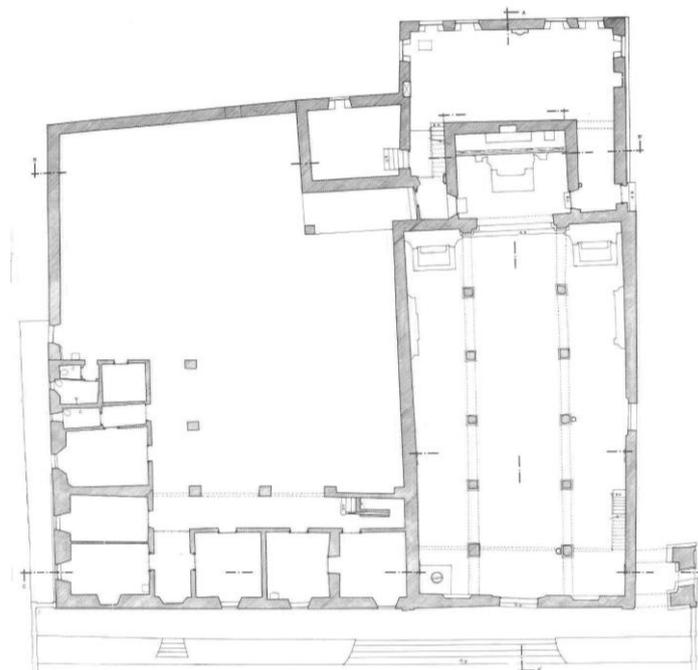


Figura 34 – Planta em quadra da residência e igreja do Santuário Nacional de Anchieta, Anchieta (ES). Fonte: CARVALHO (1982).

A colonização portuguesa tinha o projeto de conquista espiritual e territorial. Para tal, o aldeamento foi a solução encontrada pelos jesuítas. Eles traduziam sua

disciplina no partido arquitetônico para a construção do povoado, cujo traçado era em quadra. No local de implantação da igreja e residência, o terreno eleva-se, formando um declive, que termina numa plataforma que domina a campina e o mar. Por isso o respeito ao local de suas construções. A implantação dos edifícios considera toda a natureza e relevo do local. O simbolismo de sua localização repousa no signo da montanha, a partir da verticalidade. A busca pelo local mais alto reflete a busca pelos céus, uma procura pelo sagrado.

3.2 Análise dos elementos geométricos da arquitetura sagrada

Nesta seção, será apresentada a análise da geometria dos elementos geométricos sagrados e o seu simbolismo presente na arquitetura do Santuário, realizada em Silva (2018). Analisando a arquitetura e o simbolismo do santuário, é possível ter:

3.2.1 Adro

Não há uma *galilé* como de costume em igrejas dessa época (século XVI). O adro então seria localizado na parte interna, abaixo da área do coro. A separação entre espaço profano e espaço sagrado se faz a partir da escadaria (Figura 35), que chega ao hall de acesso pela nave. A inserção no templo sagrado se faz a partir da verticalidade, da busca pelo alto. Isso se dá pelo posicionamento da porta principal, que é a maior da fachada. Essa porta é demarcada por molduras, como se fossem seus alisares, e por um patamar em forma de semicírculo, como se fosse um tapete. A porta está localizada no eixo do volume da igreja, abaixo de uma grande janela que abre para o coro. Acima da janela, há o ponto mais alto desse volume, sendo coroadado por uma cruz. Toda a composição da fachada apresenta linhas sóbrias sem muitos ornamentos ou formas geométricas muito elaboradas (Figura 36).



Figura 35 – A escadaria de acesso ao Santuário. Fonte: Silva (2018).



Figura 36 – O degrau em semicírculo da porta principal da igreja. Fonte: <<http://www.santuariodeanchieta.com>> Acesso em 23 de janeiro de 2018.

3.2.2 Torre sineira

A torre sineira do Santuário, ou campanário, localiza-se na lateral direita da igreja. Já o pórtico em arco perfeito da base da torre sinaleira é o único caso na arquitetura religiosa brasileira. A abóbada em semiesfera (Figura 37) arrematando a torre também é, por sua vez, bem significativa para a arquitetura religiosa. Os vãos dos sinos apresentam-se em arco pleno (IPHAN, 1998).



Figura 37 – Fachada do conjunto com a abóbada em semiesfera da torre sineira da igreja em destaque. Fonte: Carvalho (1982) adaptada.

3.2.3 Batistério

O batistério fica à esquerda de quem entra na igreja, junto à parede da fachada principal. A pia de arenito em forma semiesférica está apoiada sobre uma fundação executada mais antiga, que foi construída com pedras e tijolos cerâmicos, com um orifício no centro que configura o sistema de drenagem da pia (IPHAN, 1998) – ver Figura 38.



Figura 38 – Pia batismal do Santuário. Fonte: Silva (2018).

Além da pia batismal propriamente dita, há duas bacias de água benta localizadas uma em cada porta de entrada da igreja. A bacia próxima à porta principal tem um formato mais elaborado, imitando uma concha. Ela foi talhada no mármore, mas mantém a mesma referência de forma da pia batismal, remetendo a uma semiesfera (Figura 39). Já a bacia próxima à porta lateral é de arenito e possui o formato de semiesfera. A diferença de desenho das duas bacias se dá, provavelmente, por causa do período em que foram feitas. A de arenito, mais antiga, foi feita antes da

remodelação da igreja; já a de mármore deve ter sido feita na época da construção da sacristia, pois tem o mesmo mármore importado das peças da sacristia (IPHAN, 1998).



Figura 39 – Bacia de água benta da entrada principal do Santuário. Fonte: Silva (2018).

3.2.4 Nave

A nave resulta da divisão do largo salão por duas fileiras de colunas, para melhor distribuição do peso da cobertura. Embora essas duas fileiras de arcadas romanas estejam apoiadas em colunas de tijolos muito antigas, originalmente eram colunas de madeira de 40 cm de diâmetro. A nave é pavimentada com lajotões cerâmicos de forma quadrada. Ao final da nave, está a capela-mor. A transição de uma para outra é feita por meio de níveis e do arco cruzeiro; nas laterais da nave, por três capelas (IPHAN, 1998).

As capelas das naves laterais são simétricas e possuem exatamente o mesmo formato. Elas têm o espaço de um altar juntamente à cabine do oratório, onde está localizado o nicho em arco perfeito para as imagens santas (ver Figura 40).



Capela lateral esquerda.



Capela lateral direita.

Figura 40 – Capelas das naves laterais. Fonte: Silva (2018).

Já a capela lateral maior em madeira tem uma forma diferente das outras, mas mantém a mesma geometria do nicho das outras capelas para o seu nicho. A diferença nesse ponto é que o nicho dela é proporcionalmente maior (Figura 41).



Figura 41 – Capela lateral maior. Fonte: Silva (2018).

As três naves são separadas pelas arcadas romanas em arco perfeito que facilitam a circulação de ar e a entrada de iluminação natural para o interior da igreja, devido à sua altura (Figura 42). Dessa forma, a nave principal, com pé direito elevado e forro em formato trapezoidal, é mais larga que as naves laterais e valoriza a perspectiva da igreja com foco no ponto central ao fundo: a capela-mor, que deve ser o ápice de atenção dos fiéis.

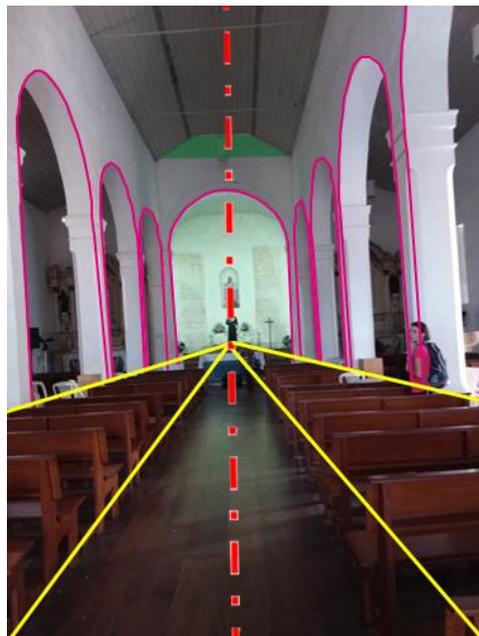


Figura 42 – Detalhe das arcadas da nave e ao fundo a capela-mor. Fonte: Silva (2018).

3.2.5 Coro

Acima da entrada principal, no início da nave, está o coro, com balaustradas ricas em ornamentação talhada em jacarandá. Esse espaço era destinado à oração e ao uso restrito dos padres, com acesso apenas pela residência lateral. Após a expulsão dos jesuítas no século XVII, passou a ser utilizado por grupos de canto, sendo construída, para acesso, uma escada de madeira partindo da nave lateral direita. Na restauração, a escada foi substituída por uma helicoidal em ferro, com piso de madeira (IPHAN, 1998).

Na Figura 43, é visível o formato trapezoidal do forro da nave, que mantém a simetria bilateral apresentada na análise da geometria espacial. Podem ser observadas também as arcadas em arco pleno, o qual divide a nave principal das naves laterais, bem como os seus pilares de sustentação com base quadrada. Além das formas geométricas propriamente ditas, é possível identificar que a perspectiva focal que direciona o olhar para o altar também se revela de cima do altar para a porta principal.

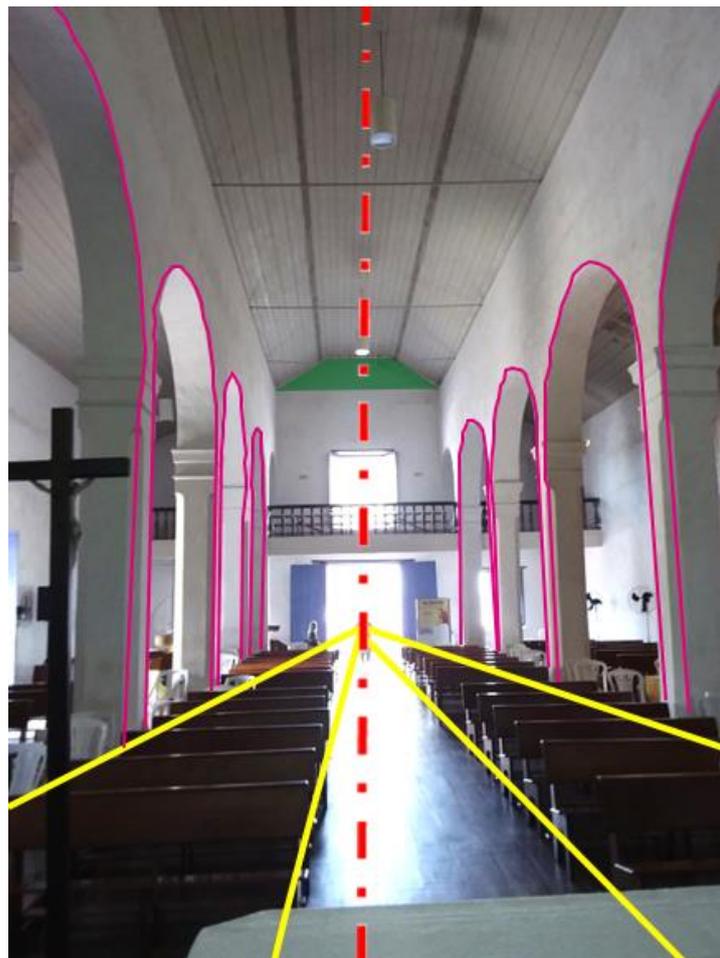


Figura 43 – Vista da nave com o coro ao fundo. Fonte: Silva (2018).

3.2.6 Presbitério

A pintura mural da parede ao fundo da capela-mor data do século XVII. Inspirada na geometria ornamental portuguesa da época, ela figura como exemplar único na arte brasileira. A repetição de um motivo, como na azulejaria, forma os tapetes que repetem o nicho central, em módulos horizontais arrematados por cordões. Os motivos se repetem nos primeiro, terceiro e quinto módulos, enquanto que, nos segundo e quarto, diferem-se daqueles. O desenho feito com carvão foi recoberto com azul e amarelo, sobre fundo de cal (IPHAN, 1998).

Quanto à sua geometria, o altar antigo apresenta-se como um retângulo em pedra, localizado no eixo da parede de fundo da capela-mor. Nesse mesmo eixo, acima do altar antigo, está o nicho com a imagem da santa padroeira, que mantém o mesmo formato dos outros nichos apresentados anteriormente. Nas laterais desse altar, há duas faixas decorativas retangulares, uma de cada lado, com vários quadrados com motivos geométricos que possuem um padrão rítmico e simétrico. As inserções desses elementos conservam a mesma proporção e simetria encontradas na planta baixa (ver Figura 44).



Figura 44 – Presbitério do santuário com altar antigo e a cátedra.
Fonte: Acervo de M.M.S. Patek.

3.2.7 Altar

No total, são três altares, ou mesmo um altar principal e duas capelas – conforme apresentado anteriormente. O altar principal, da capela mor, foi restaurado com decoração mais antiga, composta pela parede pintada, tendo ao alto o nicho da padroeira. Os outros dois altares, nas naves laterais, ladeando até o arco do cruzeiro em arco perfeito, datam de época mais recente.

Na Figura 45, pode-se identificar a geometria do altar, o eixo de simetria bilateral que divide o altar em duas partes exatamente iguais. Há faixas retangulares com os motivos geométricos em amarelo, o nicho para a imagem da santa com arco perfeito em laranja e o formato trapezoidal do forro em verde. Há ainda o arco cruzeiro, em arco perfeito, que separa a capela mor da nave.



Figura 45: O altar principal. Fonte: Silva (2018).

4 Conclusão

Este estudo fez uma revisão dos espaços geométricos sagrados, na arquitetura religiosa, ao longo dos Passos de Anchieta. Para tanto, foi apresentada a análise da geometria sagrada, com foco nos elementos geométricos sagrados da arquitetura religiosa jesuítica de Anchieta, no Espírito Santo, tendo como objeto principal de estudo a Igreja de Nossa Senhora da Assunção, pertencente hoje ao Santuário Nacional São José de Anchieta.

Com a análise da geometria nos elementos da arquitetura sacra, constatou-se que eles foram concebidos dentro de um padrão geométrico, visto que várias formas geométricas se repetem dentro da igreja. Pôde-se ver essa constatação na pintura da nave, no formato da torre sineira, no desenho da porta, nos altares e seus nichos para imagens, nas arcadas da nave etc.

Estudos destes elementos nas demais igrejas jesuítas do ES, bem como da simetria e da proporção nas plantas e fachadas, completariam os poucos estudos em geometria sagrada nestes monumentos.

Referências

- ABAPA <<http://www.abapa.org.br/interna.php?pg=ospassos>> acesso em 10/02/2018.
- ANDRADE, Ana C. R.; SANTOS, Maria M. **Símbolos Geométricos Sagrados**. Revista Brasileira de Expressão Gráfica. Vol. 3, No. 1, 2015, ISSN 2318-7492.
- BAZIN, Germain. **L'Architecture Religieuse Baroque au Brésil**. Paris: Librairie Plon, 1955.
- CAMPELLO, Glauco de Oliveira. **O brilho da simplicidade: dois estudos sobre arquitetura religiosa no Brasil Colonial**. Rio de Janeiro: Editora Casa da Palavra, 2001.
- CARVALHO, José Antônio. **O Colégio e as residências dos jesuítas no Espírito Santo**. R.J.: Expressão e Cultura, 1982.
- COSTA, Lúcio. **A arquitetura dos jesuítas no Brasil**. Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rio de Janeiro, n. 5, p. 105-169, 1941.
- DIAS, Alcione. **Arquitetura religiosa jesuítica do município da Serra**. Monografia do curso de Especialização em Artes Visuais. Vitória: UFES, 2003.
- FERREIRA, Aurélio B. H. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 5. Ed. Curitiba: Positivo, 2010.
- GOECKE, M. L; Harz, S.F. **Der Kirchen Atlas**. MÜNchen: Kösel Verlag, 2008.
- HELTEN, Leonhard. **Architektur, eine Einführung**, Berlin, Reimer Verlag, 2009.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro Salles. **Dicionário Houaiss de língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- IPHAN- Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, **ANCHIETA a Restauração de um Santuário**, org. Carol de Abreu. R.J.:6ª. C.R./IPHAN, 1998.
- KOSLOSKI, Philip. **Porque os bancos de igreja foram inventados**. Aleteia, 2017 <https://pt.aleteia.org/2017/07/24/por-que-os-bancos-de-igreja-foram-inventados/> acesso em 23/07/2018.
- KRONBERG, Michaela. **Vindobona**. Viena: Wien Museum, 2016.
- LAWLOR, Robert. **Geometria Sagrada**. Madrid: edições del Prado, 1996.
- SILVA, Poliana A. C. **Geometria na Arquitetura Jesuítica de Anchieta**. Trabalho de conclusão do curso de Arquitetura e Urbanismo: UFES, 2018.
- ULRIKE, L; Toman, R., Bednorz, A. **Architektur der Romanik, Die ästhetik grossartiger Baukunst**. Hamburger: Möevig Verlag, 2008.